

Imaginário das águas andaluzas para surfar pela invisibilidade dos negros e negras de Sevilha

Cláudia Maria Ribeiro¹

Viajo para cumplir un sueño y hacerlo realidad,
absoluta y simplemente,
o para cambiar la piel, si lo preferís así
Théophile Gautier

O cinema negro tem como perspectiva o respeito à diversidade e os esforços pela cultura de paz; isto em favor da contemporaneidade inclusiva da imagem ibero-ásio-afro-ameríndio contra o anacronismo excludente da hegemonia de dominação da imagética do euro-hétero-macho autoritário e sua euroheteronormatividade reificadora, que concorre na tentativa de fragmentar os traços epistêmicos das culturas estranhas à eurocolonização e, sobretudo as minorias vulneráveis.
Celso L. Prudente

Um de meus sonhos era mergulhar na cultura andaluza. Escolhi Sevilha para minha mudança de pele, que oferece todos os ingredientes para tal: desprende magia e uma gama de culturas, histórias e devires que gritam outros tempos – tudo isso às margens do Rio Guadalquivir – roteiro para entradas e saídas; chegadas e partidas! Que vai desaguar no mar – que é “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 590).

Tentarei problematizar a invisibilidade de negros e negras em Sevilha deixando fluir esse rio que nos encharca de histórias, vida, arte, reflexão e morte. E que é caminho para o mar. Para Jorge Luís Borges, em seu poema El tempo de Borges, o rio representa o tempo: “el tempo es un río que me arrebatá, pero yo soy el río”². Somos muitos e muitas nesse caudal que busca mergulhar na história evidenciando as transformações. Um mar de possibilidades no ir e vir das ondas! “Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 590).

Esse movimento está também nos curtas metragens produzidos pelo curador da Mostra Internacional do Cinema Negro Celso Luiz Prudente. Especialmente buscarei

¹ Professora Titular – Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras - MG

² <https://www.poeticous.com/borges/el-tiempo-de-borges?locale=es>

entrelaçar imaginário das águas, as invisibilidades de negros e negras e as temáticas borbulhantes de significações que emergem de: Amor no Calhau (1992)³; A dialética do amor (2012)⁴; A revolução das abóboras (2014)⁵; Questão de justiça (2017)⁶. O mar é presença quase que constante nesses poemas imagéticos que falam de amor, lembranças, memórias, histórias, liberdade. Mesmo que o mar não esteja presente em alguns curtas há o grito de liberdade que impregna sua simbologia na voz que fala da história, na voz que fala da memória, como em “Questão de Justiça”. Deleuze e Guattari (2011), no final dos anos 70, na obra Mil Platôs dizem do quanto é urgente compreender os processos históricos e sociais de produção de saberes para compreender as possibilidades de organização e produção desses saberes. Encharcada dessa teorização surfo nas temáticas dos curtas e afirmo a importância de penetrar nas pequenas revoluções (FOUCAULT, 2006) para apresentar nosso grito de liberdade. Nosso direito de comer as abóboras. Simbolicamente, o que são as abóboras? Temos fome de que? Temos sede de que?⁷

Tenho fome dos processos históricos. Ao chegar por aqui, em Sevilha, quanto escutei que na região da Andaluzia não houvera escravidão. Intuí que sim e, em minhas pesquisas, deparei-me com a obra de Jesús Cosano: Los invisibles. Hechos y cosas de los negros de Sevilla que investiga a presença da cultura afro-andaluza. O autor escreveu essa obra para reparar uma vergonha história: “la ocultación em la História de España de la presencia em sus pueblos y ciudades de millones de negros esclavos” (COSANO, 2017, p. 17).

³ O filme é um poema imagético que aborda traços do amor revolucionário na luta pela independência de Cabo Verde. Duração 9min10seg. 1992. Rodado em Mindelo – Ilha de São Vicente, Cabo Verde.

⁴ A dialética do amor (2012), que foi rodado em Maputo/Moçambique. Produção Televisão de Moçambique. O curta aborda a importância das mulheres dos combatentes revolucionários no processo da descolonização de Moçambique. Isto se deu em uma narrativa, cuja pesquisadora portuguesa foi a Maputo estudar o amor destas mulheres, na medida em que percebeu tal profundidade amorosa revolucionária delas. A pesquisadora viveu um processo onírico no qual experimenta o amor das africanas, que foi o amor pela independência do seu país.

⁵ Revolução das Abóboras (2014), que foi rodado em Santarém/Portugal - Produção Maristela Filmes é uma homenagem à efeméride de quarenta anos da Revolução dos Cravos. O filme mostrou uma versão rural deste processo revolucionário urbano, que se tornou um marco para construção da possível lusofonia de horizontalidade democrática, entre todos os povos de língua portuguesa de cultura, ibérica, africana e asiática.

⁶ Questão de Justiça (2017), que foi rodado em Cuiabá/Brasil – Produção Maristela Filmes e aborda a luta de resistência dos valores tradicionais do Quilombo dos Seringueiros frente a crescente imposição de poder da política fundiária, que atende os interesses dos grandes grupos internacionais.

⁷ Música: Comida. Titãs. Álbum: Jesus não tem dentes no país dos banguelas. 1987.

Assim, navegamos num rio de significados nos barcos do tempo; nos barcos que singravam pelo rio Guadalquivir e que desaguavam no mar. Gaston Bachelard⁸ e seus estudos do imaginário instigam-me a surfar pela simbologia das águas nesse fluir da corrente do rio e embasam minhas problematizações. Outro autor que me desafia a pensar é Michel Foucault que “é para quem aprecia ranger, gosta de chiar” (PASSETTI, 2006, p. 109). Descobri que ele é “vital para quem inventa espaços, habita contrapositionamentos, utopias efetivamente realizadas, as heterotopias. Não teme a vida em expansão nos espaços em que se habita, e muito menos as resistências ali implicadas, que não requerem um lugar especial” (idem).

Esse autor fala da simbologia dos barcos. Em seu texto “Outros Espaços” diz que “nas civilizações sem barcos os sonhos naufragam, a espionagem substitui a aventura e a polícia os corsários” (FOUCAULT, 2001, p. 422). Complexidades, contradições, quando o tema entrelaça barcos e tráfico de escravos:

“De los primeros que iniciaban el gran tráfico de esclavos. Españoles y portugueses formaban las tripulaciones de los barcos negreros. Autorizaban, financiaban y se lucraban, las Coronas de España y Portugal, la Iglesia y los banqueros. Miles y miles de mercaderes y traficantes europeos, también” (COSANO, 2017, p. 23)

Pergunto com Foucault (2006a): onde seria fácil cavar? Quem ou o que resistiria? Muito trabalho e participação social para fazer emergir as injustiças. Entrelaço, assim, o imaginário das águas com a imagem do formigueiro. A imagem do formigueiro faz-nos pensar. Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 447, 448) dizem que “A formiga é um símbolo de atividade industriosa, de vida organizada em sociedade, de previdência”. São Clemente de Alexandria escreve: “Anda preguiçoso, olha a formiga, e procura ser mais sábio do que ela. Porque a formiga reúne provisões durante a colheita, reserva alimentação abundante e variada para enfrentar a ameaça do inverno”. O budismo tibetano faz também da formiga no formigueiro um símbolo de vida industriosa e de apego excessivo aos bens do mundo. “A formiga tem importante papel na organização do mundo segundo o pensamento cosmogônico dos dogons e bambaras do Mali (povo que vive no oeste da África). Nas origens, quando da primeira hierogamia céu-terra, o sexo da terra era um formigueiro. Na última etapa da criação do mundo, esse formigueiro tornou-se uma boca, de que saíram o verbo e seu suporte

⁸ O Direito de Sonhar (BACHELARD, 1985), A Poética do Devaneio (BACHELARD, 1988), O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento (BACHELARD, 1990), A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a Imaginação das Forças (BACHELARD, 1991), A Água e os Sonhos: ensaio sobre a Imaginação da Matéria (BACHELARD, 1989) e A Psicanálise do Fogo (BACHELARD, 1999).

material, a técnica da tecelagem, que as formigas transmitiram aos homens. Foram elas que lhes forneceram igualmente o modelo das suas habitações tradicionais. Os ritos de fecundidade permanecem associados à formiga: as mulheres estéreis vão sentar-se em cima de um formigueiro para pedir ao deus supremo, Amma, que as faça fecundas. A associação formigueiro-sexo feminino acarreta uma série de aplicações práticas: os bambaras acreditam que as formigas estejam em ligação com a água invisível do subsolo. Quando se quer perfurar um poço, não se poderia escolher melhor lugar que o de um formigueiro. A terra desse formigueiro, utilizada ritualmente por determinadas sociedades iniciáticas, em relação com o abdome e as funções digestivas do homem, simboliza a energia circulando nas entranhas da terra, prestes a manifestar-se sob forma de fonte ou nascente”.

Afirmo sem sombra de dúvida que tanto os curtas metragens produzidos por Celso Prudente quanto o livro *Los invisibles* de Jesús Cosano são formigueiros transformados em bocas, da qual saíram o verbo e seu suporte material, a técnica da tecelagem, que as formigas transmitiram aos seres humanos – inundando do imaginário das águas as problematizações – ritos de fecundidade permanecem associados à formiga e o formigueiro simbolizando a energia circulando nas entranhas da terra, prestes a manifestar-se sob a forma de fonte ou nascente – anunciando novas formas de ser em grupo, mais justas e libertárias. Viagens aos porões da casa! “As idas aos porões nos mostram que o mundo social tem história e é bem mais complexo do que nos fizeram supor as metanarrativas iluministas da totalidade” (VEIGA-NETO, 2012, p. 268).

Inquietudes borbulhantes

Uma das pessoas que prefaciou o livro de Cosano (2017) Raúl Rodríguez diz que o autor é inquieto na busca “de nuevas formas de sentir el calambre de una cultura viva y constructiva, que supiera liberarnos de los fantasmas del pasado y nos ayudara a encarar el futuro desde esa alegría de vivir que da el aprender lo que no se sabe” (RODRIGUEZ, in COSANO, 2017, s/p). Acrescento aqui um dos temas do imaginário das águas que me é muito caro – borbulhar – que tem a intenção de provocar efervescências:

As bebidas fermentadas, portanto, são a imagem do conhecimento efervescente que permite ao espírito ultrapassar seus habituais limites, a fim de alcançar – pela intuição ou pelo sonho – o conhecimento

profundo da natureza, o conhecimento do segredo das coisas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 422, 423).

Haja borbulhas, efervescências, para intervir, interferir, modificar o desconhecido: “La presencia negra em Andalucía, clave en todos los aspectos de nuestra cultura, há sido siempre silenciada por el olvido más cerrado.” ((RODRIGUEZ, in COSANO, 2017, s/p). O autor pesquisa em vários documentos e consegue visibilizar a cultura afro-andaluza: “Sevilla, Badajoz, Córdoba, Barcelona, Cádiz, Málaga y Valencia, fueron algunas de las ciudades de la Península Ibérica donde el pueblo negro vivió y su vida, sus infortunios y desventuras se ocultaron (COSANO, 2017, p. 17). O autor informa que mescla realidade e ficção para apresentar sonhos, pensamentos, alegrias e tristezas. Danças, músicas, lutas e resistências. A obra traz muitas imagens: fotografias, pinturas, mapas dos lugares onde transcorrem as histórias. Especialmente no Museu de Belas Artes de Sevilha há algumas obras de arte com imagens da população negra da cidade. Domingo Martinez (1688-1749) pintou um grupo de negros de Sevilha bailando e tocando instrumentos. Muitas são as histórias sobre as músicas de negros e negras; ciganos e ciganas:

...gitanos y negros tienen lenguaje en el tacón. Lenguaje de hablar com sus dioses secretos, com sus bisabuelos. Transformados em piel de tambor o em media luna de castañuelas... (GASTÓN BAQUERO, in: COSANO, 2017, p. 89)

O autor Cosano (2017) fala, em várias partes de sua obra, da importância da música e da dança para os escravos e escravas para aliviar a escravidão e a servidão: “Se reunían em alguna plaza, contaban sus historias, y aprovechaban para beber, bailar y cantar”. Assim, havia dores e sofrimentos, mas também um reavivar de suas histórias: “Había muchos em la ciudad, casi todas las familias tenían esclavos, también los clérigos, los caballeros, los veinticuatro y los artistas. Tener esclavos aumentaba la posición social, estaba bien visto (COSANO, 2017, p. 185).

E o uso do corpo dos escravos e escravas era de acordo com a necessidade do homem branco, tal como a pintura de um autor desconhecido, de 1657 e que hoje é patrimônio histórico da Universidade de Sevilha intitulado Milagro de San Cosme y San Damián. A tela apresenta uma cena onde, “para sanar a um hombre blanco que tenía una pierna gangrenada, le córtan a um hombre negro, sano y vivo, una de sus piernas para ponérsela y así curar al hombre blanco (COSANO, 2017, p. 138).

Considerações finais

Surfo pelas ideias do filósofo Nietzsche para afirmar que as discussões não têm fim. Ele se propôs a estudar nossa cultura “para chegar a compreender como foram elaboradas as avaliações que determinaram a existência de um tipo humano que toma como valor sua condição submissa aos conceitos de culpa, salvação, vida no além” (SOUSA, 2009, p. 9). E, apesar desses conceitos todos, exercem, anacronicamente, a “excludente hegemonia de dominação da imagética do euro-hétero-macho autoritário e sua euroheteronormatividade reificadora” conforme diz Celso Prudente na apresentação da *Mostra Internacional do Cinema Negro*. Mas, não exercem unilateralmente, pois onde há poder há possibilidade de resistência (FOUCAULT, 2006b). E é isso que este texto apresenta – nas imagens dos curtas metragens criadas e dirigidas por Celso Luiz Prudente e pelas histórias reais e inventadas por Jesús Cosano (2017). Nietzsche diz que tratamos “de força sempre em relação a outra força, pois na força em relação é que existe a *vontade de potência*” (SOUSA, 2009, p. 11). Isso demanda coragem e está presente nas temáticas dos textos culturais aqui problematizados.

Referências:

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. I. Tradução OLIVEIRA, A. L.; NETO, A.G. e COSTA, Célia Pinto. São Paulo: Editora 34. 2011.
- BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. Tradução: José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: DIFEL, 1985.
- _____. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Tópicos.
- _____. **A Psicanálise do Fogo**. 2ª edição. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Tópicos.
- _____. **A Poética do Devaneio**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1990.
- _____. **A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a Imaginação das Forças**. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Trad. SUSSEKIND, Carlos et al. Rio de Janeiro: Editoria José Olympio, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J.A. Guilhaon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

_____. **Outros Espaços.** In: MOTTA, Manuel Barros da. Foucault. Estética: literatura e Pintura, Música e Cinema. Coleção Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-42.

PASSETTI, Edson. **Heterotopia, anarquismo e pirataria.** In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.) Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

SOUSA, Mauro Araújo de. **Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é.** São Paulo: Paulus, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, Anped, v. 17, n. 50, maio-ago, p. 267-282, 2012.